

CARAMBAIA

Carson McCullers

O coração é um caçador solitário

ilimitada

Tradução
ROSAURA EICHENBERG

Posfácio
GIOVANA PROENÇA GONÇALVES

Para Reeves McCullers e para
Marguerite e Lamar Smith

Parte um

Na cidade havia dois mudos, e eles estavam sempre juntos. Toda manhã bem cedo, os dois saíam da casa onde moravam e andavam pela rua de braços dados para ir ao trabalho. Os amigos eram muito diferentes. Aquele que sempre guiava o caminho era um grego obeso e sonhador. No verão, ele saía com uma camisa amarela ou verde, enfiada com desleixo na frente das calças e pendendo solta atrás. Quando fazia mais frio, ele usava sobre a camisa um suéter cinza disforme. Seu rosto era redondo e oleoso, as pálpebras sempre estavam meio fechadas e os lábios se curvavam num sorriso amável e estúpido. O outro mudo era alto. Tinha os olhos vívidos e inteligentes. Estava sempre imaculado e vestido com muita sobriedade.

Toda manhã, os dois amigos caminhavam juntos em silêncio até a rua principal da cidade. Quando chegavam a uma certa loja de frutas e doces, faziam uma pequena pausa na calçada do lado de fora. O grego, Spiros Antonapoulos, trabalhava para seu primo, o dono da frutaria. Sua tarefa era fazer balas e doces, desencaixotar as frutas e manter a loja limpa. O mudo magro, John Singer, quase sempre punha a mão no braço do amigo e pousava os olhos por um segundo em seu rosto antes de ir embora. Depois dessa despedida, Singer atravessava a rua e ia sozinho para a joalheria em que trabalhava fazendo gravações em prata.

No fim da tarde, os amigos se encontravam de novo. Singer voltava à frutaria e esperava até que Antonapoulos tivesse terminado todo o trabalho e pudesse ir para casa. O grego estaria desempacotando indolentemente pêssegos ou melões, ou

talvez espiando a seção de quadrinhos do jornal na cozinha atrás da loja, onde ele cozinhava. Antes de partirem, Antonapoulos sempre abria um saco de papel que mantinha escondido durante o dia numa das prateleiras da cozinha. Lá dentro estavam guardados vários nacos de comida que ele ia juntando – um pedaço de fruta, amostras de balas ou a ponta de uma linguiça. Em geral, antes de sair, Antonapoulos se aproximava, com passos leves e bamboleantes, da vitrine na frente da loja, na qual ficavam algumas carnes e queijos. Ele deslizava o vidro para abrir a parte traseira da vitrine e sua mão gorducha agarrava com prazer alguma gulodice que estivesse cobiçando. Às vezes seu primo, o dono do estabelecimento, não via. No entanto, se percebesse, olhava fixo para o primo com uma advertência no rosto pálido e fechado. Com tristeza, Antonapoulos passava o bocado de um canto para o outro da vitrine. Durante esses instantes, Singer se mantinha muito ereto, com as mãos nos bolsos, e olhava para o outro lado. Ele não gostava de observar essa pequena cena entre os dois gregos. Pois, além da bebida e de um certo prazer secreto solitário, Antonapoulos, mais que qualquer outra coisa no mundo, gostava de comer.

Na hora do crepúsculo, os dois mudos voltavam com lentidão para casa. Singer estava sempre falando com Antonapoulos. Suas mãos modelavam as palavras numa série rápida de desenhos. Seu rosto ficava ansioso e os olhos verde-acinzentados cintilavam. Com as mãos magras e fortes, ele contava a Antonapoulos tudo o que tinha acontecido durante o dia.

Antonapoulos se reclinava preguiçosamente e olhava para Singer. Poucas vezes ele movia as mãos para falar – fazia isso apenas para dizer que queria comer, dormir ou beber. Ele sempre falava essas três coisas com os mesmos vagos sinais desajeitados. À noite, se não estivesse bêbado demais, se ajoelhava diante da cama e rezava por algum tempo. Suas mãos rechonchudas modelavam as palavras “sagrado Jesus” ou “Deus” ou “Maria querida”. Essas eram as únicas palavras que Antonapoulos dizia. Singer nunca soube até que ponto seu amigo compreendia todas as coisas que ele lhe contava. Mas não importava.

Eles compartilhavam o andar de cima de uma pequena casa perto da zona comercial da cidade. Havia dois quartos. Sobre o

fogão a óleo na cozinha, Antonapoulos preparava todas as suas refeições. Havia cadeiras comuns de cozinha para Singer e um sofá bem estofado para Antonapoulos. O quarto de dormir tinha como mobília uma grande cama de casal coberta com um edredom para o enorme grego e uma cama estreita de ferro para Singer.

O jantar sempre levava muito tempo, pois Antonapoulos gostava de comida e era muito vagaroso. Depois que tinham comido, o enorme grego se recostava no sofá e passava a língua com lentidão sobre cada um dos dentes, para sentir de novo uma certa iguaria ou porque não queria perder o sabor da refeição – enquanto Singer lavava os pratos.

Às vezes, de noite, os mudos jogavam xadrez. Singer sempre sentia grande prazer com esse jogo, e anos antes ele tinha tentado ensiná-lo a Antonapoulos. Primeiro, seu amigo não conseguia se interessar em saber por que mover as várias peças do tabuleiro. Então Singer começou a manter uma garrafa com algo bom sob a mesa para que fosse degustada depois de cada lição. O grego nunca chegou a entender os movimentos erráticos dos cavalos e a mobilidade abrangente das rainhas, mas aprendeu a fazer algumas jogadas iniciais bem definidas. Ele preferia as peças brancas e não jogava se recebesse as pretas. Depois dos primeiros lances, Singer elaborava o jogo sozinho, enquanto o amigo ficava olhando, sonolento. Se Singer fazia brilhantes ataques a suas próprias peças a ponto de eliminar no final o rei preto, Antonapoulos ficava sempre muito orgulhoso e satisfeito.

Os dois mudos não tinham outros amigos e, salvo quando trabalhavam, viviam a sós juntos. Os dias eram sempre muito parecidos, pois eles os passavam tão sozinhos que nada jamais os perturbava. Uma vez por semana iam à biblioteca para que Singer retirasse um livro de mistério, e nas sextas à noite assistiam a um filme. No dia do pagamento, sempre iam à casa de fotos a dez centavos localizada em cima da loja de artigos militares, para que Antonapoulos pudesse tirar uma foto sua. Esses eram os únicos lugares que eles costumavam visitar. Havia muitas partes da cidade que eles nunca tinham sequer visto.

A cidade ficava no meio do Sul profundo. Os verões eram longos, e os meses frios de inverno, muito poucos. Quase sempre o céu exibía um azul cristalino e intenso, e o sol queimava com

um brilho desenfreado. Depois vinham as chuvas breves e frias de novembro, e talvez mais tarde houvesse geada e alguns meses curtos de frio. Os invernos eram mutáveis, mas os verões, sempre abrasadores. A cidade era bem grande. Na rua principal havia vários quarteirões de lojas e escritórios de dois e três andares. Mas as maiores edificações eram as fábricas, que empregavam grande parte da população. Os moinhos de algodão eram grandes e prósperos, e a maioria dos trabalhadores na cidade era pobre. Muitas vezes, nos rostos ao longo das ruas, via-se a expressão desesperada da fome e da solidão.

No entanto, os dois mudos não se sentiam nem um pouco solitários. Em casa, eles gostavam de comer e beber, e Singer falava com mãos ansiosas para seu amigo sobre tudo o que lhe passava pela cabeça. Assim, os anos transcorreram tranquilos, até que Singer fez 32 anos, quando já morava na cidade com Antonapoulos fazia uma década.

Então, certo dia, o grego ficou doente. Sentou-se na cama com as mãos sobre a barriga gorda, e grandes lágrimas oleosas rolaram pelas bochechas. Singer foi procurar o primo do amigo, o dono da frutaria, e conseguiu também uma licença de seu próprio trabalho. O médico determinou uma dieta para Antonapoulos e disse que ele não poderia mais tomar vinho. Singer impôs com rigor as ordens do médico. Ficava o dia inteiro sentado ao lado da cama do amigo e fazia o que podia para que o tempo passasse rápido, mas Antonapoulos só olhava para ele de esquelha, raivoso, e não se distraía.

O grego estava muito irritado e continuava a encontrar defeitos nos sucos de frutas e na comida que Singer lhe preparava. Obrigava constantemente seu amigo a ajudá-lo a sair da cama para que pudesse rezar. Suas nádegas imensas afundavam sobre os pezinhos gordos quando se ajoelhava. Ele mexia as mãos desajeitadamente para dizer “Maria querida” e então agarrava a pequena cruz de latão atada a seu pescoço com um barbante sujo. Seus grandes olhos rolavam até o teto com uma expressão de medo, e depois ele ficava muito amuado e não deixava que o amigo lhe falasse.

Singer era paciente e fazia tudo o que podia. Desenhava pequenas figuras, e certa vez fez um esboço do amigo para

alegrá-lo. Esse desenho feriu a sensibilidade do enorme grego, e ele não quis fazer as pazes enquanto Singer não deixou seu rosto muito jovem e belo, colorindo o cabelo de amarelo vivo e os olhos de azul-escuro. E depois tentou não demonstrar seu contentamento.

Singer cuidou do amigo com tanto zelo que, passada uma semana, Antonapoulos já pôde voltar ao trabalho. Mas desde então surgiu uma diferença no modo de vida dos mudos. O conflito se instalou na vida dos dois amigos.

Antonapoulos não estava mais doente, mas tinha mudado. Vivia irritado e já não se contentava em passar as noites quieto em casa. Quando ele queria sair, Singer o seguia de perto. Antonapoulos entrava num restaurante e, enquanto se sentavam a uma mesa, ele sorratamente punha cubos de açúcar, um pimenteiro ou alguns talheres no bolso. Singer sempre pagava pelo que o grego surrupiava, e não havia confusão. Em casa, ele ralhava com Antonapoulos, mas o enorme grego só olhava para ele com um leve sorriso.

Conforme os meses iam passando, esses hábitos de Antonapoulos só pioravam. Certa vez, ao meio-dia, ele saiu sossegadamente da frutaria do primo e urinou em público contra a parede do prédio do First National Bank, do outro lado da rua. Às vezes, ele encontrava pessoas na calçada cujas faces não lhe agradavam, e então se chocava contra elas e empurrava-as com os cotovelos e a barriga. Certo dia, entrou numa loja e saiu carregando uma luminária de chão sem pagar, e em outra ocasião tentou levar um trem elétrico que tinha visto na vitrine.

Para Singer, foram tempos de grande aflição. Ele vivia levando Antonapoulos ao tribunal durante a hora do almoço para resolver essas transgressões da lei. Singer se familiarizou com o procedimento das cortes e estava sempre em constante agitação. O dinheiro que tinha poupado no banco foi gasto em fianças e multas. Todos os seus esforços e dinheiro foram usados para manter o amigo fora da prisão por causa de acusações como roubo, atentado ao pudor, ataques e agressões.

O primo grego para quem Antonapoulos trabalhava não se metia nessas encrencas. Charles Parker (pois esse era o nome que o primo tinha adotado) deixava que Antonapoulos continuasse

na loja, mas sempre o observava com seu rosto pálido e carrancudo e não fazia nada para ajudá-lo. Singer tinha um sentimento estranho a respeito de Charles Parker. Começou a antipatizar com ele.

Singer vivia num estado de contínua turbulência e preocupação. Mas Antonapoulos era sempre brando, e, não importava o que acontecesse, o sorriso suave e frouxo permanecia em sua face. Em todos os anos anteriores, Singer tinha julgado que havia algo muito sutil e sábio no sorriso de seu amigo. Nunca ficara sabendo o quanto Antonapoulos realmente compreendia e o que estava pensando. Agora, na expressão do enorme grego, Singer pensava detectar algo dissimulado e um pouco de deboche. Ele sacudia o amigo pelos ombros até ficar muito cansado e explicava as coisas várias vezes com as mãos. Mas nada adiantava.

Todo o dinheiro de Singer acabou, e ele teve de pedir emprestado ao joalheiro para quem trabalhava. Em certa ocasião, não conseguiu pagar a fiança para o amigo e Antonapoulos passou a noite na prisão. Quando Singer chegou para buscá-lo no dia seguinte, ele estava muito amuado. Não queria sair da prisão. Tinha gostado do jantar de toucinho e pão de milho com melão derramado por cima. E as novas acomodações para dormir e seus companheiros de cela lhe agradaram.

Eles viviam tão sozinhos que Singer não tinha ninguém para ajudá-lo em sua aflição. Antonapoulos não deixava que nada o perturbasse ou lhe curasse os hábitos. Em casa, ele às vezes cozinhava o novo prato que tinha comido na prisão, e nas ruas nunca havia como saber o que ele faria.

E então a encrenca final despencou sobre Singer.

Certa tarde, quando foi se encontrar com Antonapoulos na frutaria, Charles Parker lhe entregou uma carta. Nela, explicava-se que ele tinha feito arranjos para que seu primo fosse levado para o hospício estadual a 322 quilômetros de distância. Charles Parker tinha usado sua influência na cidade e os detalhes já estavam acertados. Antonapoulos devia partir e ser admitido no hospício na próxima semana.

Singer leu a carta várias vezes e por algum tempo não conseguiu pensar. Charles Parker estava lhe falando do outro lado

do balcão, mas ele nem sequer tentava ler seus lábios e compreender. Por fim, Singer escreveu no caderninho de notas que sempre carregava no bolso:

Você não pode fazer isso. Antonapoulos precisa ficar comigo.

Charles Parker sacudiu a cabeça nervoso. Ele não sabia se expressar muito bem na língua americana. “Não é da sua conta”, ficava falando sem parar.

Singer sabia que estava tudo perdido. O grego tinha medo de que algum dia pudesse se tornar responsável pelo primo. Charles Parker podia não conhecer a fundo a língua americana, mas compreendia o dólar americano muito bem e tinha usado seu dinheiro e influência para que o primo fosse admitido no hospício sem demora.

Não havia nada que Singer pudesse fazer.

A semana seguinte foi cheia de atividade febril. Ele falava e falava. Embora as mãos nunca parassem para descansar, Singer não conseguia falar tudo o que tinha a dizer. Ele queria contar a Antonapoulos todos os pensamentos que sempre estiveram em sua mente e em seu coração, mas não havia tempo. Os olhos cinzentos cintilavam, e seu rosto vivaz e inteligente expressava grande tensão. Antonapoulos o observava sonolento, e seu amigo não sabia o quanto ele realmente compreendia.

Então, chegou o dia em que Antonapoulos devia partir. Singer pegou a própria mala e acondicionou nela, com cuidado, as melhores de suas posses em comum. O próprio Antonapoulos preparou um lanche para comer durante a viagem. Ao cair da tarde, eles caminharam de braços dados ao longo da rua pela última vez. Era uma tarde fria de fim de novembro, e pequenas baforadas de sua respiração apareciam no ar à sua frente.

Charles Parker devia viajar com o primo, mas ele se manteve à distância na estação. Antonapoulos subiu no ônibus e se instalou, com preparativos elaborados, num dos assentos da frente. Singer o observava pela janela e suas mãos desesperadas começaram a falar pela última vez com o amigo. Mas Antonapoulos estava tão ocupado conferindo os vários itens em sua lancheira que por algum tempo não prestou atenção. Só pouco

antes de o ônibus se afastar do meio-fio é que ele se virou para Singer com seu sorriso muito insípido e distante – como se eles já estivessem separados por muitos quilômetros.

As semanas que se seguiram não pareciam reais. Todos os dias, Singer trabalhava em sua bancada nos fundos da joalheria e depois, à noite, voltava para casa sozinho. Mais que qualquer outra coisa, ele queria dormir. Assim que voltava para casa do trabalho, ele se estendia na cama de ferro e tentava cochilar um pouco. Sonhos o visitavam enquanto ele ficava ali, meio adormecido. E, em todos eles, Antonapoulos estava presente. As mãos de Singer se sacudiam, nervosas, pois nos sonhos ele falava com o amigo e Antonapoulos o observava.

Singer tentou pensar em como sua vida era antes de ter conhecido o amigo. Tentou recontar a si mesmo certas coisas que tinham acontecido quando ele era jovem. Mas nenhuma dessas coisas das quais tentava se lembrar parecia real.

Havia um fato em particular do qual ele se lembrava, mas não tinha importância nenhuma para ele. Singer recordava que, embora tivesse sido surdo desde a mais tenra idade, ele nem sempre fora realmente mudo. Ficou órfão muito cedo e o puseram numa instituição para surdos. Tinha aprendido a falar com as mãos e a ler. Antes dos 9 anos, conseguia falar com uma das mãos à maneira americana – e também sabia empregar as duas mãos segundo o método dos europeus. Aprendera a seguir os movimentos dos lábios das pessoas e compreender o que diziam. Depois, finalmente, o ensinaram a falar.

Na escola, todos o consideravam muito inteligente. Ele aprendia as lições antes do resto dos alunos. Mas nunca conseguiu se acostumar a falar com os lábios. Não era natural para ele, e a língua parecia uma baleia em sua boca. Pela expressão vazia na face das pessoas com as quais falava dessa maneira, Singer sentia que sua voz devia lembrar o som de algum animal ou que havia algo repugnante em seu discurso. Era-lhe doloroso tentar falar com a boca, mas suas mãos estavam sempre prontas para modelar as palavras que queria dizer. Com 22 anos, ele saiu de Chicago e veio para essa cidade do Sul, onde logo conheceu Antonapoulos. Desde então, jamais voltou a falar com a boca, porque com o amigo não havia necessidade disso.

Nada parecia real, exceto os dez anos que passara com Antonapoulos. Em seus sonhos meio acordado, ele via o amigo de forma muito vívida, e, quando despertava, uma grande e dolorosa solidão o invadia. De vez em quando, enviava uma caixa para Antonapoulos, mas nunca recebeu nenhuma resposta. E assim os meses se passavam nesse ritmo vazio e sonhador.

Na primavera, uma mudança ocorreu em Singer. Ele não conseguia dormir e seu corpo se agitava muito. À noite, caminhava monotonamente pelo quarto, incapaz de debelar uma nova sensação de energia. Se chegava a descansar, era apenas durante algumas horas antes do amanhecer – então caía abruptamente num sono que durava até que a luz da manhã incidisse de repente como uma cimitarra embaixo de suas pálpebras, que se abriam.

Singer começou a passar as noites andando pela cidade. Já não conseguia suportar os aposentos em que Antonapoulos tinha vivido, por isso alugou um dos quartos de uma pensão desconjuntada não muito longe do centro da cidade.

Fazia suas refeições num restaurante localizado apenas a dois quarteirões de distância. Esse restaurante, o New York Café, ficava no fim da longa rua principal. No primeiro dia em que esteve ali, Singer passou rapidamente os olhos pelo cardápio e escreveu uma nota curta, que entregou ao proprietário.

Todos os dias, para o café da manhã, quero um ovo, torrada e café
– \$0,15

No almoço, quero sopa (qualquer tipo), um sanduíche de carne e
leite – \$0,25

Por favor, traga-me no jantar três legumes (qualquer tipo exceto
repolho), peixe ou carne, e um copo de cerveja – \$0,35

Obrigado.

O proprietário leu a nota e fitou-o com um olhar atento e diplomático. Era um homem forte, de altura mediana, com uma barba tão escura e espessa que a parte inferior de sua face parecia ter sido moldada em ferro. Ele em geral ficava no canto ao lado da caixa registradora, com os braços dobrados sobre o peito, observando calado tudo o que se passava ao seu redor.

Singer acabou conhecendo o rosto desse homem muito bem, pois comia sentado a uma de suas mesas três vezes por dia.

Toda noite, o mudo caminhava sozinho pela rua por horas a fio. Às vezes, as noites eram frias, com os ventos fortes e úmidos de março, e chovia torrencialmente. Mas Singer não se importava. Seu andar era agitado, e ele sempre mantinha as mãos bem enfiadas nos bolsos das calças. Depois, com o passar das semanas, os dias se tornaram quentes e lânguidos. Sua agitação cedeu aos poucos à exaustão, e havia nele uma expressão de profunda calma. Em seu rosto apareceu uma paz melancólica que é vista com frequência na face das pessoas muito tristes ou muito sábias. Ainda assim, ele errava pelas ruas da cidade, sempre silencioso e sozinho.

2

Numa noite escura e abafada do início do verão, Biff Brannon estava atrás da caixa registradora do New York Café. Era meia-noite. Lá fora, as luzes da rua já tinham sido apagadas, por isso a luz vinda do lugar formava um grande retângulo amarelo na calçada. A rua estava deserta, mas dentro do café havia meia dúzia de clientes tomando cerveja, vinho barato ou uísque. Biff aguardava impassível, com o cotovelo apoiado no balcão e o polegar amassando a ponta de seu longo nariz. Seus olhos estavam atentos. Ele observava em especial um homem atarracado de macacão que, embriagado, começara a se tornar escandaloso. De vez em quando, passava os olhos pelo mudo sentado sozinho a uma das mesas do meio, ou pelos outros clientes na frente do balcão. Mas sempre voltava para o bêbado de macacão. As horas avançavam e Biff continuava a esperar em silêncio atrás do balcão. Por fim, ele deu uma última geral no restaurante e dirigiu-se para a porta dos fundos que conduzia ao andar de cima.

Sem fazer barulho, entrou no quarto que ficava no alto da escada. Estava escuro ali dentro e ele caminhou com cautela. Depois de já ter dado alguns passos, o dedo do pé bateu em algo duro e ele se abaixou para procurar a alça de uma mala no chão. Entrara no quarto apenas por alguns segundos e já estava pronto para sair quando a luz foi acesa.

Alice sentou-se na cama amarrotada e olhou para ele. “O que o senhor está fazendo com essa mala?”, ela perguntou. “Não pode se livrar desse lunático sem devolver pra ele o que ele já perdeu em bebida?”